

Resenha da tese de doutorado *A integração de agricultores às cooperativas agrícolas abatedoras de frangos no Oeste do Paraná*, de Diane Belusso¹

Review of the doctorate thesis A integração de agricultores às cooperativas agrícolas abatedoras de frangos no Oeste do Paraná, by Diane Belusso

LARISSA TAVARES MORENO^a
THIAGO PEREIRA DE BARROS^b

^a Doutoranda em geografia pela Universidade Estadual Paulista, campus de Presidente Prudente. Membro do Centro de Estudos de Geografia do Trabalho.
E-mail: larissatavaresmoreno@gmail.com

^b Doutorando em geografia pela Universidade Estadual Paulista, campus de Presidente Prudente. Membro do Centro de Estudos de Geografia do Trabalho.
E-mail: thiagobarros.evk@gmail.com

BELUSSO, Diane. **A integração de agricultores às cooperativas agrícolas abatedoras de frangos no Oeste do Paraná**. 2011. 219 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2011.

Esta resenha versa sobre a tese de doutorado intitulada *A integração de agricultores às cooperativas agrícolas abatedoras de frangos no Oeste do Paraná*, de Diane Belusso, realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de Presidente Prudente, e defendida em 2011. Atualmente Diane Belusso é docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná, campus de Umuarama. Nos últimos seis anos, ela tem publicado alguns dos resultados oriundos desta pesquisa de doutorado, mas também a respeito de estudos sobre informações meteorológicas e astronomia na educação em Umuarama.

Resumidamente, observa-se que os elementos motivadores dessa tese foram: a expansão da avicultura industrial no Brasil, sobretudo as inovações tecnológicas e o aumento de produtividade alcançado por esse segmento agroindustrial a partir dos anos 1970, e a presença e estruturação de cooperativas agrícolas abatedoras de frangos no oeste paranaense. Sendo assim, o objetivo geral desse estudo foi analisar as relações entre as cooperativas e os produtores integrados de forma a averiguar os efeitos dessa dinâmica sobre a renda, a qualidade de vida desses produtores e a dinâmica regional. Constatou-se o crescimento das exigências em relação aos investimentos, à ampliação da escala produtiva avícola, à difusão da integração dos produtores e ao quanto se consolidaram e cresceram as cooperativas no oeste do Paraná. Estes são alguns dos principais resultados apresentados na tese.

As análises e discussões foram divididas em cinco partes. A primeira, “A inserção da agricultura brasileira e das cooperativas agrícolas no padrão de acumulação capitalista”, mostrou num contexto geral como se dá essa

¹ Esta resenha foi elaborada no início de 2014 durante a disciplina Geografia Agrícola, ministrada pelo Prof. Dr. Clerisnaldo Rodrigues de Carvalho, no curso de graduação em geografia na Universidade Estadual, campus de Ourinhos.

inserção da agricultura e das cooperativas no padrão de acumulação capitalista, destacando-se brevemente acontecimentos políticos e econômicos (política de crédito rural, de preços mínimos, a crise de 1929, crise do petróleo, entre outros), a fim de embasar tal discussão.

É exposto, nessa parte, o entendimento da autora de que as cooperativas agroindustriais são aquelas que acompanham a expansão do setor agropecuário, estimulam os investimentos em tecnologia e difundem a cultura empresarial aos agricultores, alterando seu perfil, como apontam os autores Fonseca e Costa, citados na tese.

Além disso, explica-se que a história do cooperativismo no país sempre esteve associada a programas de modernização implantados pelo Estado, negligenciando, muitas vezes, os níveis culturais da população rural. Assim, a interferência do Estado na cooperativa reflete na atuação da agricultura.

Em outras palavras, a reestruturação das cooperativas acompanhou o próprio processo modernizante pelo qual passou a agricultura e indústria no Brasil. É interessante que, para demonstrar isso, a autora cita vários autores, entre eles Benjamin, Carneiro, Szmrecsányi, Elias e Müller, para explicar brevemente a evolução do processo modernizante e de atuação do Estado na agricultura brasileira e conseqüentemente no próprio processo de incentivo à industrialização (e urbanização) do país, mencionando conjunturas políticas e econômicas do Brasil e até mesmo mundiais. A autora nos conduz a entender como as cooperativas agroindustriais estão diretamente relacionadas à atuação das agroindústrias, ou seja, de como acompanham as dinâmicas empresariais e a moderna tecnologia.

Em seguida, o capítulo “Avicultura industrial brasileira e seus efeitos territoriais” se inicia descrevendo que a avicultura e outros segmentos da agroindústria vêm passando por transformações em razão das inovações tecnológicas que aumentam a produtividade, a produção e o faturamento das indústrias, demonstrando a evolução da avicultura industrial brasileira e seus efeitos territoriais na primeira década do século XXI.

Do mesmo modo, são expostas as redefinições comerciais e produtivas no segmento de carnes de frango e, conseqüentemente, sua influência na estrutura e localização das plantas agroindustriais. Para isso, a autora parte da ideia de que, entre os anos de 1960 e 1970, existiu de fato uma política agroindustrial no país, criando-se até mesmo o Fundo Geral para a Indústria e Agricultura (Funagri), cuja função principal foi o apoio à indústria de carnes. Foi neste período também que houve a inserção da agricultura no cenário internacional, com crescente

exportação e processamento industrial dos produtos. Nesse cenário, surge a avicultura especializada, atingindo um padrão internacional de qualidade, tendo um crescimento de consumo no mercado nacional e aumentando sua importância no mercado externo.

Para conquistar esses objetivos, explica a autora, houve várias modificações na estrutura produtiva de frangos no que tange à genética e à nutrição animal, à automatização das atividades e à elevação da escala. E, enquanto outras carnes se mantinham atrasadas nos avanços tecnológicos, o frango foi alvo de uma indústria que ampliou sua escala de produção e incorporou novas tecnologias, além de contar com uma redução dos custos, o que favoreceu rapidamente a elevação do seu consumo interno de 1988 a 2007, se comparado com outros tipos de carnes. Isso se deve ao fato de a carne ser produzida o ano todo, de forma mais barata e com qualidade.

Menciona-se como nesse mesmo período houve aumento das exportações de frango, proporcionado por incentivos, subsídios e medidas governamentais que favoreceram a instalação de empresas estrangeiras no Brasil, a fim de aumentar a competitividade das exportações brasileiras de frango. Diante disso, a autora aponta que, no ano de 2004, o Brasil conquistou a liderança mundial de exportação de frango, passando inclusive os Estados Unidos. Vale mencionar que a região líder em produção e exportação desse produto é o Sul, principalmente o Paraná.

É citado ainda que, na década de 1990, o Brasil passou por uma abertura da economia, favorecendo a entrada de multinacionais produtoras de carne, o que ensejou maior concorrência com as empresas nacionais. Exigiram-se mudanças dessas empresas tecnológicas e produtivas, novos investimentos e fusões/aquisições. Um exemplo dessa estratégia foi a fusão entre as duas concorrentes do mercado brasileiro, a Sadia e a Perdigão. Enfim, constata-se que essa década foi marcada pelo desmonte da estrutura de financiamento da agroindústria brasileira, e apenas alguns setores conseguiram se manter e se adaptar à abertura do mercado.

A autora também focaliza a localização produtiva da avicultura, mostrando como é um fator importante de ser discutido quanto à organização e dinâmica do território, o que explica o porquê da diversidade regional. Do mesmo modo, destaca-se como um segmento atraído por subsídios, salários menores, grande flexibilidade trabalhista e ambiental de tal modo que o alastramento da planta industrial desse segmento no país se deve às políticas agrícolas, ao acesso aos mercados consumidores, às condições de transporte e à disponibilidade de

matérias-primas para a criação de frangos e produção de soja e milho. Sendo assim, esses e outros fatores favorecem a regionalização produtiva da avicultura no Sul do país. Mas, aos poucos, a região Centro-Oeste também vem se destacando como um relevante local de expansão da avicultura, por conta de seu potencial produtivo de grãos. Vale dizer que esse deslocamento visa aumentar a capacidade produtiva do segmento.

Outro ponto ressaltado foi de que no Sul do país ocorreu a integração produtor/agroindústria, centrada em pequenos proprietários que utilizam, principalmente, a mão de obra da própria família, embora em alguns locais tenha surgido um novo modelo de integração, baseado entre médios e grandes produtores. Esse fenômeno de um novo modelo de integração da avicultura brasileira ocorre por causa das pressões de mercado, visto que as empresas têm que aumentar sua competitividade na produção e nas participações do mercado.

O próximo capítulo, intitulado “A formação das cooperativas agrícolas e a expansão da avicultura de abate na região oeste do estado do Paraná”, menciona que neste estado existe cerca de 80 cooperativas do ramo agropecuário e mais de 120 mil associados. Contudo, para sua tese, a autora fez um recorte espacial para a pesquisa de campo – das 15 cooperativas do ramo agropecuário na Mesorregião Oeste Paranaense, 5 abatedoras de frango foram analisadas, que são: C. Vale (cooperativa agroindustrial), de Palotina; Copacol (cooperativa agrícola Consolata), de Cafelândia; Copagril (cooperativa agroindustrial), de Marechal Cândido Rondon; Coopavel (cooperativa agroindustrial), de Cascavel; e Lar (cooperativa agroindustrial Lar), com sede em Medianeira. Estas são cooperativas singulares e agroindustriais, diferentemente das demais, que exercem atividades com produtos diversificados.

Vale mencionar, segundo a autora, que essas cooperativas, fundadas entre os anos 1960 e 1970, tiveram sua evolução e reestruturação empresarial de modo a acompanhar a passagem de uma agricultura mercantil ao complexo industrial e à rede agroindustrial. Diante disso, nos anos 1980, essas cooperativas investiram no complexo industrial avícola graças a alguns elementos favoráveis, tais como disponibilidade de matérias-primas, aumento da demanda de frango, entre outros.

A avicultura então foi se constituindo como uma importante forma de diversificação, sendo entendida como integração vertical, já que passou a desempenhar importante papel para o crescimento das cooperativas do Oeste Paranaense. Portanto, a autora demonstra todo o

contexto da gênese e evolução das cinco cooperativas analisadas, a fim de verificar as condições que propiciaram a implantação de abatedouros de frangos pelas cooperativas e o potencial de crescimento da avicultura na região. Do mesmo modo, os municípios onde a avicultura se encontra em atividade representativa são identificados de acordo com o levantamento da área de atuação, possibilitando a autora a elaborar alguns mapas temáticos.

Nessa parte também é demonstrada a relação campo-cidade e a função produtiva da agricultura, evidenciando-se a capacidade e o significado das cooperativas como agentes econômicos na geração de empregos, na dinâmica do setor terciário regional e no modelo de desenvolvimento rural. Vale mencionar que a autora acredita que as cooperativas representam um diferencial que ameniza a exclusão dos pequenos proprietários de terra, e o cooperativismo seria, portanto, uma forma de defesa dos agricultores. Contudo, acreditamos que esse assunto merece uma análise crítica mais detalhada em relação à formação e função do cooperativismo, como também aos interesses em torno desse mecanismo em sua essência.

O capítulo posterior, “A participação cooperativista dos produtores de frangos”, analisa a inserção dos produtores integrados que são, ao mesmo tempo, associados às empresas integradoras. Para compreender essa dinâmica, a autora explica que “pode-se denominar produção integrada o envolvimento entre os agricultores/proprietários de aviários, responsáveis pela engorda dos frangos, e as empresas integradoras que coordenam os contratos e industrializam a produção” (p. 114). Essa ideia de integração seria um modelo de contrato de parceria.

Quanto a isso, a autora revela que a participação cooperativista envolve um maior nível de organização por parte dos produtores de frangos. No entanto, os produtores associados/integrados compõem uma minoria do quadro geral das cooperativas, já que a avicultura é apenas uma das atividades econômicas das quais os produtores participam.

É necessário ressaltar também que existem algumas razões que levam os associados a se integrarem a essa produção de frango. O principal motivo é o interesse pelo aumento da renda e melhorias das condições econômicas, o que não necessariamente significa que a empresa integrada tenha que ser uma cooperativa. Contudo, a imagem que as cooperativas transmitem de empresa sólida acaba motivando ainda mais produtores, “assim como o fato de que os próprios presidentes das cooperativas e membros da diretoria possuem aviários,

ou seja, se também investiram aqueles que detêm a gestão administrativa da cooperativa, se confiam que haverá comprometimento com a atividade” (p. 125-126). Por outro lado, deve-se comentar que existem fatores seletivos para a participação dos associados que objetivam criar frangos e que dependem do acesso ao crédito bancário, e, dentre esses fatores, um essencial é a propriedade de terra como um bem fixo.

Diante desse cenário, precisamos nos atentar para a realidade dos fatos e das relações expostas. Será mesmo que o cooperativismo nesse cenário de integração ao capital avícola é de fato um mecanismo de defesa dos agricultores? É uma possibilidade de melhoria das condições de renda e qualidade de vida? Haja vista que quem ganha com essas relações são as grandes empresas, e não os associados, que têm de arcar sempre com custos como: a capacidade de endividamento em relação ao custo do aviário e à propriedade dos produtores; custos com implantação de galpões, com energia elétrica, instalação de aparelhos e outros. Somado a isso, existem diferentes critérios e padrões estabelecidos para que os produtores rurais se enquadrem, para em seguida serem integrados às empresas. Constata-se ainda o caráter seletivo da distribuição das políticas agrícolas e dos créditos rurais que são destinados ao país, muitas vezes beneficiando esse setor, isto é, a avicultura industrial de abate, assim como os demais segmentos do agronegócio.

Na quinta parte desse estudo, “Caracterização dos produtores de frangos integrados às cooperativas”, menciona-se dados da pesquisa de campo, na tentativa de localizar os proprietários aviários, constatando a diversidade de estabelecimentos rurais e, conseqüentemente, das características particulares desses agricultores, como: escolaridade, idade, fonte de renda e mão de obra utilizada. Assim, constatou-se que não há um perfil comum de produtores integrados de frangos no oeste do Paraná, e que dois elementos centrais contribuem para a coexistência de produtores em diferentes condições: o acesso ao crédito e a associação às cooperativas. Em seguida, destacou-se o padrão tecnológico e a seletividade dos agricultores; as influências da avicultura industrial sobre a diferenciação social entre os produtores integrados e suas estratégias de reprodução. Ou seja, em razão do padrão tecnológico a ser seguido, apenas alguns produtores com capacidade de investimento conseguem se manter nessa atividade.

Porém a autora salienta que, apesar de existir um pacote de exigências e de seletividade de avicultores integrados às cooperativas, isso não exclui produtores,

mas revela uma importante inserção destes, favorecendo a diferenciação social. Contudo, façamos uma ressalva quanto a isso. Afinal, em que medida isso é benéfico aos produtores rurais? Se esse modelo favorece em grande medida a competição entre os produtores, enquanto a empresa/cooperativa (o grande capital) se favorece dessas dinâmicas. Dessa forma, a ideia de integração como um mecanismo de manutenção e estratégia de reprodução desses produtores, como exposta pela autora na tese, é muito questionável. Será que esse não é um modo de se enquadrar a essa atividade, que cada vez mais degrada e expropria o trabalhador/ produtor rural? E mesmo que Belusso, citando autores como Paulilo e Todesco, que negam essa relação de subordinação e falta de autonomia dos produtores, acreditamos numa carência de aprofundamento na discussão sobre essas questões.

Por fim, as considerações finais da tese apontam que as cooperativas e a integração dos produtores de frangos às grandes empresas são elementos importantes para a existência dessa atividade na região oeste do Paraná, que tem muito a crescer, possuindo projetos de expansão de sua planta fabril e também investimentos em alta tecnologia na produção, ressaltando a importância desse setor para a economia brasileira. Além disso, afirmou-se que, no oeste paranaense, essa relação contratual entre os produtores rurais e as agroindústrias são preenchidas pelas cooperativas, ou seja, que os produtores integrados são também associados dessas empresas, o que demonstra melhoria na renda e na qualidade de vida desses sujeitos.

Enfim, essa tese de doutorado apresenta uma complexidade de informações de interessante temática, com boa discussão teórico-metodológica. Contudo, em alguns aspectos centrais, acredita-se na carência de um olhar crítico e mais atento por detrás das aparências que a pesquisa (teórica e empírica) proporcionou. Por exemplo, mesmo que durante a pesquisa de campo muitos entrevistados afirmem que se sentem incorporados e satisfeitos com essa integração, isso na realidade pode mostrar que esses produtores já estão envolvidos nessa lógica do capital, ao passo que, muitas vezes, tenham a visão de que continuar nesse caminho seja a melhor alternativa que possuam, o que talvez possa não ser (somente) a única alternativa de fato.

E, embora em alguns aspectos a autora demonstre as contradições desse processo de integração, no fim ela sempre aponta como essa condição da avicultura é importante alternativa para a manutenção dos produtores – opinião com a qual não concordamos. Já que, como

mencionado, entendemos essa dinâmica na realidade como uma “amarra” às diretrizes das agroindústrias e grandes empresas desse ramo.

Do mesmo modo, devemos tomar cuidado com a afirmativa da autora de que as cooperativas são um mecanismo que fortalece os produtores rurais, visto que essas cooperativas (um dito canal alternativo) acabam se sujeitando à alta competitividade em grandes empresas que lideram o mercado, o que acarreta consequência direta ao produtor rural quanto à sua capacidade produtiva, à necessidade de inovações tecnológicas, entre outros fatores. Ou seja, a cooperativa pode sim ter esse papel de fortalecer o produtor rural, mas também apresenta outra face e atuação diante das imposições do capital.

Também é preciso salientar a falta de uma maior problematização e descrição quanto à dinâmica desse capital avícola em relação aos sujeitos que trabalham nessa atividade (seja na produção, no abate ou em outra função) e que possibilitam a perpetuação e o crescimento desse setor. Afinal, existem diferentes critérios e padrões estabelecidos para que os produtores rurais se enquadrem, para em seguida serem integrados às empresas. Alguns estudos recentes (HECK, 2013; WALTER, 2013) revelam a perversidade e degradação

do trabalho que essa atividade vem disseminando nos territórios avícolas brasileiros.

De toda maneira, esse estudo é interessante a estudantes e pesquisadores da geografia, sociologia, história, economia e demais áreas correlatas, atentos às questões ligadas ao campo brasileiro, às relações de trabalho e de produção, à expansão do capital (sobretudo avícola) e aos processos de associativismo/cooperativismo.

REFERÊNCIAS

HECK, F. M. **Degradação anunciada do trabalho formal na Sadia, em Toledo (PR)**. 2013. 217 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2013.

WALTER, S. I. **Experiências sociais e relações de trabalho dos trabalhadores pegadores de frango e batedores de caixa de Marechal Cândido Rondon-PR**. 2013. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2013.